



AS OLIMPÍADAS DO CONHECIMENTO E SUA CONTRIBUIÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA: CONTORNANDO DESAFIOS E DESENVOLVENDO O PROTAGONISMO DISCENTE

Zilfran Varela Fontenele¹
Erick Cunha do Nascimento Santos²
Márcio Monteiro Cunha³
Antonio Germano Magalhães Júnior⁴

***The knowledge olympics and their contribution at history teaching:
bypassing challenges, and developing the student protagonism***

Resumo:

Este artigo tem por objetivo apresentar as contribuições das olimpíadas do conhecimento na área de Ciências Humanas, como a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE), no enfrentamento aos atuais desafios no Ensino de História, como a insuficiente carga horária para o ensino e a aprendizagem histórica e as tentativas de deslegitimação do professor de História, em um contexto de ampla disseminação de notícias falsas e negacionismo histórico. Para tanto, foi realizada uma pesquisa etnográfica escolar em que se investigou os resultados obtidos durante a experiência de orientação de equipes ao longo das referidas olimpíadas no que concerne ao desempenho, envolvimento e interesse dos discentes em assuntos relativos ao conhecimento histórico, e ainda o protagonismo e a aprendizagem histórica adquiridos. Realizamos ainda uma pesquisa bibliográfica em busca de autores que refletem sobre a importância das olimpíadas do conhecimento no desenvolvimento do pensamento histórico discente, a fim de dar suporte teórico ao presente trabalho. Assim, com base nos resultados obtidos com a participação/observação de equipes de estudantes na ONHB e na OCHE e, a partir dos aportes teóricos colhidos com o levantamento bibliográfico, pode-se asseverar que olimpíadas do conhecimento como a ONHB e a OCHE constituem-se como ferramentas importantes no enfrentamento dos atuais desafios no Ensino de História no estado do Ceará e no Brasil.

Palavras-chave: Ensino de História. Olimpíadas do Conhecimento. Protagonismo estudantil. Negacionismo.

Abstract:

This article's goal is to present the contributions of the knowledge olympics in Human Sciences, like the National Olympic in Brazil's History (ONHB) and the Olympic of Human Sciences of the State of Ceará (OCHE), in the coping of the current challenges in the History Teaching, like the insufficient workload for teaching and for historical learning, as well as the attempts to deslegitimize History teachers in a context of widespread dissemination of fake news and historical denialism.

1. Doutor em Educação - Universidade de Valência, Espanha. Mestre em Ensino de Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Graduação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor do Instituto Federal do Ceará (IFCE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7577-5976>

2. Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), foi residente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) pelo Programa de Residência Pedagógica (PRP), disciplina de História. Monitor da disciplina Teorias da História I, na UECE. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9862-5946>.

3. Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Planejamento de Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Ensino de História pela Faculdade Farias Brito (FFB). Professor do Instituto Federal do Ceará (IFCE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6845-3263>

4. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (IFRN). Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0988-4207>

To this end, a school ethnographic research was carried out to investigate the obtained results during the teams guidance experience over the mentioned olympics as regards students' performances, engagement and interest in historical subjects, as well as the protagonism and historical learning obtained. Furthermore, a bibliographical research was carried out, looking for authors that reflect about the importance of knowledge olympics in the students' historical thought development, to give theoretical support to this article. Therefore, based in the obtained results by participation/observation at ONHB and OCHE, and in the theoretical contributions obtained from bibliographical research, is possible to assert that knowledge olympics as ONHB and OCHE constitute as powerful tools in the coping of the current challenges in History Teaching in the state of Ceará and in Brazil.

Keywords: History Teaching. Knowledge Olympics. Student Protagonism. Denialism.

1. INTRODUÇÃO

É consenso entre professores de História que muitos são os desafios que precisam ser enfrentados no processo de ensino-aprendizagem da disciplina. Alguns desses desafios foram substancialmente potencializados ao longo da última década, e novos surgiram. Neste trabalho destacaremos dois grandes problemas que os profissionais de História precisam enfrentar: um que foi potencializado com o advento das redes sociais e outro que se apresenta como um novo problema, no âmbito de políticas públicas educacionais.

A partir da década de 2010, as redes sociais começaram a se expandir. É nesse período que surgem no Brasil os primeiros *YouTubers*, pessoas dedicadas a produzir vídeos com conteúdos diversos para a plataforma *YouTube*. Foi nessa década também que redes sociais como *Facebook*, *Twitter* (atual *X*) e *Instagram* ganharam uma enorme quantidade de usuários e ampliaram sua capacidade de interação e influência no comportamento de jovens e adultos. A expansão das mídias sociais representou uma verdadeira revolução comunicacional e informacional. A partir desse momento, os usuários dessas mídias puderam se comunicar e interagir de uma maneira muito mais rápida. Em 2009, surgiu o aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, sendo popularizado na década de 2010 e possibilitando a rápida troca de mensagens entre usuários conectados. Além do aumento da rapidez na comunicação, tais plataformas possibilitaram o aumento significativo da circulação de informações, bem como o rápido compartilhamento delas.

A despeito dos significativos e positivos avanços propiciados pela expansão das redes sociais, nosso primeiro problema surge como uma espécie de "efeito

colateral" dessa rapidez e desse grande volume de informações dispersas, características do ambiente virtual. Na realidade, o primeiro problema já é antigo; antes mesmo do advento das redes sociais, o negacionismo histórico já era um desafio enfrentado por historiadores e professores de História. Tal problema se tornou mais evidente a partir dos casos de negação do Holocausto judeu, especialmente por parte de David Irving, escritor inglês negador do Holocausto, sem formação acadêmica em História e sem as competências teórico-metodológicas necessárias ao ofício. Irving entrou em um embate com a historiadora estadunidense Deborah Lipstadt, algo que ela mesma relatou em seu livro *"History on trial: my day in court with David Irving"* (2005), que deu origem ao filme *Denial* (A negação), de 2016.

Na era digital, o negacionismo histórico foi potencializado pela grande rapidez com que informações podem circular e ser compartilhadas através das redes. Por não haver um devido controle sobre a veracidade das informações dispersas, se tornou comum o compartilhamento de notícias falsas, chamadas *fake news*, bem como a criação e veiculação de conteúdos duvidosos, em plataformas como o *YouTube*. "A História sempre foi um campo de acirrada disputa em torno de suas funções sociais e ideológicas" (PINSKY; PINSKY, 2021, p. 88), tendo isso como pressuposto, os assuntos históricos não escapariam de ferrenhas disputas também no campo digital. Nesse meio, o negacionismo também tem sido difundido, juntamente com *fake news*. É importante destacarmos o papel preponderante que a disseminação de notícias falsas através do *WhatsApp* teve nas duas últimas eleições presidenciais (2018 e 2022), e como tais notícias foram capazes de impactar o cenário político. Podemos citar ainda o papel negativo que as *fake news* tiveram durante a pandemia de Covid-19, desestimulando a

vacinação e promovendo medicamentos sem eficácia comprovada e toda sorte de teorias da conspiração. O enfrentamento ao negacionismo e à disseminação de notícias falsas é um desafio que historiadores e professores de História precisam assumir, pois o público estudantil compõe essa comunidade de usuários das redes e se tornou vulnerável a esses tipos de manipulações.

Nosso segundo problema surge a partir de decisões acerca das políticas públicas educacionais que passaram a ser implementadas a partir de 2016. A carga horária destinada às disciplinas que compõem a área das Ciências Humanas sempre foi menor do que as destinadas a outras disciplinas não menos importantes, como Português e Matemática. No entanto, com a implantação de uma reforma educacional no Ensino Médio ou o Novo Ensino Médio, como ficou popularmente conhecido, esse problema curricular foi agravado. Logo após o golpe de estado parlamentar-midiático sofrido pela presidenta Dilma Rousseff em 2016, o novo governo, de Michel Temer, começou a promover diversas modificações nas políticas públicas educacionais brasileiras (JINKINGS; DORIA; CLETO, 2016). Tais modificações culminaram na maior delas, o Novo Ensino Médio (NEM). A reforma em questão não passou por um amplo debate com os professores, estudantes e com toda a sociedade. De acordo com Cássio (2019), a reforma instituída pela Lei n. 13.145, de 2017, promove um sucateamento do Ensino Médio e uma drástica redução da carga horária destinada à base curricular comum. Tal redução impacta negativamente a já insuficiente carga horária destinada a disciplinas como História, Geografia, Sociologia e Filosofia.

Esses dois grandes problemas (a disseminação de negacionismos e a redução da carga horária curricular de História, acarretada pelo Novo Ensino Médio) combinados configuram uma conjuntura totalmente nova e desafiadora para professores de História e outras Ciências Humanas. Está posto um dilema: o avanço da tecnologia deu voz a pessoas que não têm a competência teórico-metodológica para tratar de temas históricos (eis o dilema); e a diminuição da carga horária do ensino de História tornou ainda mais complicada a realização de um trabalho cientificamente sério por parte dos professores de História no combate aos negacionismos e notícias falsas (eis a dificuldade na construção de soluções para o dilema).

Desenhou-se um preocupante cenário: influenciadores digitais sem qualquer formação acadêmica em História

capturam a atenção de estudantes, utilizando-se de vídeos curtos, dinâmicos e de fácil absorção, contendo diversas imprecisões históricas e informações descontextualizadas, "como se a História fosse uma questão de opinião, não de pesquisa, de estudo, de formação séria". (PINSKY; PINSKY, 2021, p. 11).

A redução da carga horária obrigatória e a demanda de apresentação de conteúdos curriculares que necessariamente serão cobrados em avaliações escolares e processos seletivos dificultam o trabalho do professor de História, limitando espaços de discussão, reflexão e incentivo ao despertar e desenvolvimento da criticidade entre estudantes.

Ademais, há de se reconhecer as dificuldades enfrentadas por professores das diversas disciplinas em promover práticas de ensino ou metodologias que superem as práticas tradicionais, baseadas na apresentação oral de conteúdos e uso da memória, definida como "Educação Bancária" por Paulo Freire, bem como as dificuldades em integrar as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) disponíveis ao processo de ensino e aprendizagem.

Em geral, observamos que docentes encontram dificuldades na integração das tecnologias disponíveis ao processo de ensino e aprendizagem, bem como não conseguem aproveitar suas potencialidades como aliada em seu trabalho de mediador do conhecimento, em meio ao turbilhão de informações disponíveis na grande rede, bem como a importância da seleção adequada de materiais, e ampliação da integração com estudantes, construindo uma rede de saberes compartilhados, que vá além do âmbito escolar formal e que seja capaz de reconhecer e integrar as diversidades e pluralidades que se materializam no ambiente escolar.

É comum dizer-se que a escola está sempre "um passo atrás" das mudanças tecnológicas. Enquanto as práticas culturais digitais se difundem na sociedade, as práticas educativas baseadas em modelos tradicionais permanecem. A inovação dos modelos pedagógicos nas escolas diante dos avanços tecnológicos não significa apenas dotá-las dos mais modernos dispositivos, mas ao mesmo tempo fornecer subsídios teóricos e metodológicos que auxiliem na utilização dos recursos, potencializando-os. (MARTINS, 2015, p. 25)

Nesta linha de pensamento, Cabero (2008) aponta a contradição atual das instituições educativas de manter modelos de organização do século XIX, com professores

que possuem formação do século XX ministrando aulas para alunos do século XXI, que possuem diferentes interesses, competências e formas de processar a informação.

Neste sentido, se apresentam grandes desafios para o ensino de História na realidade atual e se torna difícil para os professores da disciplina competir com plataformas digitais, redes sociais e programas interativos, que muitas vezes utilizam Inteligência Artificial (IA), utilizam linguagem atraente e possuem enorme capacidade de prender a atenção dos estudantes, bem como comumente difundem concepções e interpretações de fatos históricos de forma difusa, reinterpretando-os a partir de ideologias que buscam promover negacionismos e, em muitos casos, reinterpretar fatos à luz de concepções extremistas e comumente mentirosas, sem embasamento teórico, científico, filosófico e factual.

Como enfrentar tais desafios em uma conjuntura de sucateamento das Ciências Humanas no Ensino Médio, que faz parecer ao aluno que o conhecimento histórico é inútil? São essas as reflexões que os professores de História precisam fazer. Com essa pesquisa busca-se contribuir com essas reflexões a fim de se encontrar possíveis caminhos na superação desses obstáculos. Nesse contexto, as olimpíadas do conhecimento como a ONHB e a OCHE configuram-se como valiosas ferramentas pedagógicas no auxílio ao enfrentamento desses problemas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para prosseguirmos, é necessário entender a teoria e a metodologia por trás de olimpíadas como a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE). A ONHB é composta por seis fases online e uma fase final presencial na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), instituição idealizadora da olimpíada. As equipes são compostas por quatro pessoas: sendo três estudantes e um professor orientador. Os estudantes devem estar no 8º ou 9º ano do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Cada fase acontece ao longo de uma semana. (ARAÚJO, 2023). A OCHE segue o mesmo modelo da ONHB. As equipes também são compostas por quatro pessoas: três estudantes (do 8º ou 9º ano do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio) e um professor orientador. As fases também têm duração de uma semana. No entanto, a OCHE é composta por quatro

fases online e uma fase final presencial em algum dos campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), instituição idealizadora da OCHE, espalhados em diversos municípios do estado do Ceará.

A OCHE também tem um diferencial em relação à ONHB: enquanto a ONHB tem como obrigatoriedade que o professor orientador seja de História, a OCHE possibilita que os professores orientadores sejam de outras disciplinas, como Geografia, Português, Artes, Filosofia etc., além da História. No entanto, ambas as disciplinas apresentam um caráter eminentemente interdisciplinar; inclusive a ONHB, que sendo uma olimpíada de História, apresenta questões que promovem o diálogo entre a História e disciplinas como Literatura, Artes, Geografia etc.

Sobre a configuração das questões e sobre como funciona a pontuação, Araújo (2023) explica:

Diferente de outras olimpíadas e das avaliações internas ou externas da Educação Básica, que são compostas por questões de múltipla escolha com apenas um item correto, a ONHB e a OCHE invertem essa ordem. Os itens têm pontuações diferentes, que podem variar entre 0, 1, 4 e 5. Esse sistema de pontuação é dividido de acordo com os níveis de compreensão histórica dos documentos analisados. A alternativa equivalente a "1" ponto corresponde a um nível descritivo dos documentos analisados, já a alternativa que exige do participante um grau de reflexão um pouco mais complexo, equivale a "4" pontos. Por sua vez, a alternativa equivalente a "5" pontos corresponde àquela que contempla a leitura, a informação e a extrapolação das fontes, requerendo dos olímpicos uma reflexão e uma argumentação mais densa. Os estudantes também devem identificar a "alternativa que indica anacronismo ou incoerência analítica", item que equivale a "0" (ARAÚJO, 2023, p. 47).

Alguns fatores contribuem para argumentarmos que olimpíadas como a ONHB e a OCHE contribuem significativamente no enfrentamento dos problemas elencados. Iniciaremos tratando do segundo problema: a redução da carga horária curricular de História, acarretada pela reforma do Ensino Médio. Já mencionamos que disciplinas como a História e afins já dispunham de uma carga horária inferior a de disciplinas como Português e Matemática. Com a implantação do Novo Ensino Médio, tal situação se agravou. Participando do Programa Residência Pedagógica (PRP), parte dos autores deste artigo, na condição de residentes do IFCE pode perceber de forma ainda mais latente essa

realidade no ensino técnico integrado, dispondo de apenas uma aula por semana em cada turma.

Diante das dificuldades impostas pela reduzida carga horária, desvalorização das Ciências Humanas a partir de matrizes curriculares voltadas à precarização da reflexão e espírito crítico, bem como as dificuldades em dialogar de forma eficiente com estudantes da educação básica, especialmente com a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, nós bolsistas do PRP também tivemos dificuldades para cumprir de forma satisfatória a carga horária de regência exigidas pelo programa. Residentes de outras disciplinas, como Português e Matemática, acabam tendo uma maior facilidade no cumprimento dessa carga horária, por disporem de mais horas/aulas. O edital do programa foi desenhado de maneira uniforme, ignorando as diferenças curriculares entre essas disciplinas. Com a incompatibilidade entre as horas de regência exigidas pelo programa e as horas/aulas disponíveis, tornou-se necessário que os residentes em História elaborassem novas formas de regência para além das aulas convencionais.

Uma das soluções encontradas para se atingir esse fim e, ao mesmo tempo, aplicar novas metodologias de ensino e ampliar o diálogo com os meios digitais, possibilitando tornar a prática de ensino mais atrativa para os estudantes, foi a orientação de equipes participantes de olimpíadas do conhecimento. Assim, além das aulas previstas no currículo formal, atuamos como professores orientadores dos alunos participantes da ONHB e da OCHE, utilizando uma carga horária no contraturno, introduzida como componente extracurricular associado a Currículo Escolar Formal previsto na Organização Didática e programas das disciplinas dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio do Instituto Federal do Ceará (IFCE), campus Fortaleza. Também foram realizadas atividades remotas, por meio de ferramentas tecnológicas, como os programas *Google Meet* ou *WhatsApp*.

As atividades de orientação das equipes eram marcadas pela utilização de diversos modelos metodológicos, como a prática da Sala de Aula invertida, na medida em que estudantes já traziam para a aula as propostas de soluções das questões das atividades das olimpíadas, debates que evidenciavam o protagonismo discente, trabalho em equipe, mediação pedagógica, uso de TIC para acesso a materiais, pesquisa e análise de fontes e documentos. Assim, ocorria mais do que a simples resolução das questões, eram realizadas leituras de

textos, análise de imagens e letras de músicas etc. Os alunos passaram a ter contato e a analisar fontes históricas.

É importante destacar que olimpíadas do Conhecimento, como a ONHB e a OCHE, promovem a autonomia e o protagonismo dos participantes, ao incentivo à pesquisa, à análise de fontes e à análise crítica e discussão entre os participantes. Neste sentido, Magalhães (2020) definiu como Metodologias Ativas:

O conceito de Metodologia Ativa é recente, porém seus princípios nem tanto, pois autores como Freire, Dewey, Knowles, Rogers e Vygotsky já defendiam há muito os princípios básicos que a norteiam, notadamente o engajamento e protagonismo do aprendente em seu próprio processo de aprendizagem (MAGALHÃES, 2020, p. 29).

A participação como professor orientador de equipes para a ONHB e a OCHE constitui-se como uma rica oportunidade não apenas de suprir a deficiência da carga horária disponível, mas também de promover a autonomia e o protagonismo dos alunos, desenvolvendo sua curiosidade e seu engajamento. Pudemos observar que durante as orientações das equipes, os participantes demonstraram-se curiosos, ativos e interessados não somente nos conteúdos abordados nas questões, mas em outros assuntos históricos que eles não demonstravam o mesmo interesse quando abordados nas aulas convencionais, uma vez que a partir da metodologia ativa eles puderam relacionar tais assuntos à contemporaneidade e à vivência de cada um deles.

Nesse sentido, compreendemos que o limite dos espaços físicos das salas de aula e o curto tempo de duração das aulas previstas para a disciplina de História nos currículos escolares, não podem e nem devem ser limites à atuação dos professores/historiadores (MAGALHÃES, 2020, p. 26).

O desenvolvimento do protagonismo, da curiosidade e da autonomia dos estudantes ajuda no enfrentamento de outro problema, que deixamos de fora por não fazer parte do escopo dos objetivos que propomos com esse estudo, mas que vale a pena mencionarmos: o desinteresse dos estudantes pela História. No entanto, transformar esse desinteresse em interesse a partir das metodologias ativas, pode ser o começo da solução do primeiro problema que apresentamos anteriormente: o negacionismo. Os estudantes precisam perceber que o conhecimento histórico não é inútil, devem reconhecer a consciência e o pensamento históricos como

ferramentas de transformação da realidade. É necessário aliar a teoria à práxis para transformar, de outro modo, o conhecimento histórico se tornará inútil, não passará de uma lista de nomes e datas que os estudantes deverão decorar para responder uma prova escrita. Para Fontenele, Cunha e Sampaio, constituem falhasgritantes

[...] professores que enfatizam fatos heróicos, datas e nomes, no conhecido estilo "decoreba", pois não estimulam o raciocínio, a criticidade e a consciência da importância dos alunos enquanto membros da sociedade e participantes do processo histórico (FONTENELE, CUNHA, SAMPAIO, 2015, p. 53).

O professor de História deve promover ações didáticas que oportunizem um aprendizado realmente significativo, transformador (MAGALHÃES, 2020). Como definiu Marc Bloch, a História é a ciência dos homens no tempo. (BLOCH, 2001). É essa ciência que pode transformar a sociedade, e essa transformação passa pelo combate aos negacionismos.

Olimpíadas como a ONHB e a OCHE têm demonstrado sua capacidade de desenvolver nos estudantes o pensamento crítico e a consciência histórica, algo fundamental no combate aos negacionismos, e algo que só se torna possível uma vez que a curiosidade e a postura investigativa é despertada nos estudantes.

Pinsky e Pinsky definiram negacionismo como

[...] a negação *a priori* de um processo, evento, ou fato histórico estabelecido pela comunidade de historiadores como efetivamente ocorrido no passado, em que pese várias possibilidades de interpretação validadas pelo debate historiográfico. Em outras palavras, o negacionista rejeita o conhecimento histórico estabelecido em bases científicas e metodológicas reconhecidas, em nome de uma suposta "verdade ocultada" pelas instituições acadêmicas, científicas e escolares por causa de supostos "interesses políticos ligados ao sistema". Assim, os negacionistas alimentam e são alimentados pelas diversas "teorias da conspiração" que sempre existiram, mas que nos primeiros anos do século XXI têm sido canalizadas por interesses políticos, sobretudo de partidos e líderes de extrema direita, para combater os valores progressistas e democráticos. (2021, p. 98, grifo do autor).

Já citamos a negação do Holocausto como exemplo de negacionismo histórico. No Brasil, se tornaram comuns discursos de negação ou relativização do Golpe Militar

de 1964 e da ditadura que se instalou a partir do mesmo e vigorou pelos vinte e um anos seguintes; ou o discurso de relativização da violência dos portugueses contra os povos originários; ou até mesmo a alegação de que a luta de Zumbi dos Palmares foi uma farsa, pois ele supostamente possuía escravos. A esse tipo de afirmações, Pinsky e Pinsky nomearam como revisionismo ideológico: "é a apropriação seletiva de fatos igualmente comprovados, sem a devida complementação de informações, para reforçar a tese negacionista." (2021, p. 87). Livros como "O Manual Politicamente Incorreto da História do Brasil", de Leandro Narloch, é um exemplo do que se configura como revisionismo ideológico.

O negacionismo histórico não é um problema novo; no entanto, ganhou nova dimensão com o advento e a expansão das redes sociais. Assuntos históricos têm sido debatidos por pessoas que não têm as competências teórico-metodológicas para tal "como se a História fosse uma questão de opinião, não de pesquisa, de estudo, de formação séria". (PINSKY; PINSKY, 2021, p. 11).

Sobre a voz que as redes sociais deram às pessoas para emitirem suas opiniões como se peso científico tivessem, Umberto Eco assevera:

Admitindo que em 7 bilhões de habitantes exista uma taxa inevitável de imbecis, muitíssimos deles costumavam comunicar seus delírios aos íntimos ou aos amigos do bar — e assim suas opiniões permaneciam limitadas a um círculo restrito. Hoje, uma parte consistente destas pessoas tem a possibilidade de expressar as próprias opiniões nas redes sociais e, portanto, tais opiniões alcançam audiências altíssimas e se misturam com tantas outras ideias expressas por pessoas razoáveis. É importante observar que na minha noção de imbecil não havia nenhuma conotação racista. Ninguém é imbecil por profissão (salvo exceções), mas alguém que é um ótimo farmacêutico, um ótimo cirurgião, um ótimo bancário pode dizer, sobre assuntos que não são de sua competência ou sobre os quais não refletiu o suficiente, enormes besteiras. Mesmo porque as reações na web ocorrem no calor dos fatos, sem que se tenha tempo para refletir. (ECO, 2017, p. 348).

Em outras palavras, o que Eco (2017) está dizendo é que pessoas podem dizer verdadeiros absurdos sobre temas que não são de sua competência. Por exemplo, um brilhante cirurgião pode proferir os maiores absurdos sobre economia, por não ser de sua competência teórico-metodológica. Isso tem acontecido com a História, pessoas sem os devidos atributos teórico-

metodológicos têm se proposto a tratar de temas sensíveis; citamos os exemplos de Irving e Narloch. O negacionismo nem sempre nasce de uma incompetência teórico-metodológica; muitas vezes o que está por trás de um negacionismo histórico são interesses ideológicos. Com isso, é importante esclarecermos que de maneira alguma somos contra a liberdade de expressão, no entanto, afirmamos que não devemos dar validação histórica a opiniões sem o devido embasamento científico. Como afirma Eco, “[...] é justo que a rede permita que mesmo quem não diz coisas sensatas se expresse, mas o excesso de besteira congestionará as linhas.” (ECO, 2017, p. 348).

Argumentamos que a criticidade e o pensamento histórico necessários aos estudantes no combate aos negacionismos e às fake news só podem ser adquiridos a partir de um despertar da postura investigadora e da curiosidade deles. Sobre a importância da tomada de consciência, por parte dos estudantes e de sua responsabilidade investigadora e ativa, Paulo Freire declara:

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos*. (2002, p. 96, grifo do autor).

Experiências como a ONHB e a OCHE, pelo próprio formato olímpico que foca no protagonismo e na autonomia dos estudantes participantes, podem constituir-se como poderosos recursos no combate aos negacionismos, pois dão ao participante olímpico a oportunidade de pesquisar e buscar ele mesmo por respostas, seguindo métodos. O aluno tem a oportunidade de fazer um trabalho similar ao do historiador, o trabalho de um pesquisador. Sobre a aproximação do estudante com o ofício do historiador, Araújo afirma:

[...] olimpíadas no formato da ONHB e da OCHE oferecem aos estudantes a oportunidade de se aproximarem, nos dizeres de Marc Bloch, do “ofício do historiador”. Dessa forma, acreditamos que ao utilizar os métodos de análise e interpretação de fontes, os alunos podem desenvolver habilidades de pensamento crítico e compreensão dos acontecimentos históricos. (ARAÚJO, 2023, p. 125).

Fontenele e Costa Junior afirmam que a OCHE tem como foco “o conhecimento e a inserção na realidade local,

através do incentivo à pesquisa, o trabalho em grupo e o fortalecimento da autonomia de aprendizagem dos discentes” (2020, p. 18). Como verificou-se em nossa experiência nas olimpíadas do conhecimento, isso pode potencializar o interesse dos estudantes pelos assuntos históricos, e esse é objetivo que devemos buscar: o de promover o desenvolvimento do protagonismo, da autonomia e do pensamento crítico de alunos que pesquisam e não meramente absorvem informações acriticamente. Para Bittencourt:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemáticas (BITTENCOURT, 2021, p. 57).

Os negacionismos históricos passam ainda pelas tentativas de deslegitimação do trabalho dos professores de História, que ultimamente vêm sendo acusados de doutrinadores de crianças e jovens, e de haver ainda uma suposta “hegemonia marxista” nas Ciências Humanas e nas instituições de ensino (PINSKY; PINSKY, 2021). O trabalho do professor tem sofrido tentativas de deslegitimação por parte de projetos como o movimento “Escola Sem Partido”, que se configuram como claros ataques à liberdade de expressão e à liberdade de cátedra dos professores, garantidos pela Constituição Federal de 1988, em nome de uma suposta neutralidade (ARAÚJO, 2023). Olimpíadas como a ONHB e a OCHE podem auxiliar no enfrentamento de ideias errôneas como as supracitadas, uma vez que aproximam os estudantes do ofício do historiador, possibilitando que os mesmos encontrem respostas através de suas próprias pesquisas, análises, questionamentos e interpretações; seguindo os princípios teóricos e metodológicos que norteiam a ciência histórica; em consonância com os princípios da autonomia, do protagonismo e da criticidade, que entendemos ser os pilares de uma educação verdadeiramente libertadora.

3. METODOLOGIA

Como caracterização geral, o presente trabalho se configura como uma pesquisa etnográfica escolar em que se buscou uma maior aproximação do objeto de estudo e a produção de mais conhecimentos sobre o tema. Para tal, foi utilizado como método a imersão ou

observação participante, na qual estivemos convivendo com as turmas olímpicas, observando o comportamento dos estudantes durante esse processo e coletando dados a partir dos resultados. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa, cujos resultados não podem ser traduzidos em números; não sendo, destarte, necessário recorrer a métodos estatísticos. Segundo Marconi e Lakatos:

Define-se o método etnográfico como um conjunto de técnicas utilizadas para a coleta de dados sobre valores, crenças, práticas sociais e religiosas e comportamento de um grupo social, ou levantamento de dados de determinados grupos e sua descrição, com a finalidade de conhecer-lhe melhor o estilo de vida ou sua cultura específica. (MARCONI, LAKATOS, 2021, p. 114)

Investigou-se os resultados obtidos ao longo das orientações de equipes participantes da ONHB e da OCHE no IFCE, no ano de 2023. Como participantes do Programa Residência Pedagógica, pudemos auxiliar nosso preceptor, o Professor Zilfran Varela Fontenele na orientação de equipes participantes da ONHB. As orientações ocorriam no contraturno das aulas dos participantes olímpicos. Tivemos ainda a oportunidade de orientar equipes participantes da OCHE e participar como monitores na final presencial que ocorreu no IFCE – Campus Crateús, em outubro de 2023. Durante as orientações das equipes participantes da OCHE, assumimos a plena regência de sala, uma vez que o Professor Zilfran Varela Fontenele, como integrante da Comissão Organizadora da OCHE, em nome da ética e da transparência, não poderia orientar equipes. Nas reuniões de orientação resolvíamos as questões propostas em cada uma das fases; fazíamos leitura de textos; análises de imagens, matérias jornalísticas e letras de músicas; os alunos eram possibilitados a ter um amplo contato com as fontes históricas e a realizar a análise dessas fontes para a resolução das questões.

Foi realizado ainda um comparativo entre a postura dos estudantes nas aulas tradicionais e sua postura nas reuniões de orientação da ONHB e da OCHE, em que eles podiam exercer seu protagonismo discente e ser aproximados do ofício do historiador, no que concerne à análise de fontes e interpretação delas.

A partir da análise dos resultados obtidos ao longo das olimpíadas e ainda de uma pesquisa bibliográfica em busca de autores que já haviam publicado trabalhos acerca da importância das olimpíadas do conhecimento no desenvolvimento do protagonismo discente é que baseamos essa pesquisa.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O que se observou ao longo das reuniões de orientação durante as olimpíadas, tanto da ONHB quanto da OCHE, é que os estudantes demonstraram-se muito mais engajados e interessados nos assuntos históricos do que nas aulas tradicionais previstas no currículo. Realizamos um comparativo entre essas aulas e as reuniões de orientação e foi possível perceber que nessas os estudantes participavam, perguntavam, criticavam, apontavam possíveis caminhos para a resolução das questões, apontavam inconsistências históricas em determinados itens; enquanto naquelas, geralmente a postura de boa parte dos estudantes, salvo algumas exceções, era de indiferença ou passividade, uma postura apenas de ouvintes e, às vezes, de explícito desinteresse.

Acreditamos que alguns fatores explicam a diferença entre esses dois modelos. No modelo tradicional de aula expositiva, os alunos permanecem em postura passiva, de ouvintes, enquanto todas as atenções estão voltadas para a figura do professor, que seria o detentor e o transmissor de conhecimento para o aluno. Tal modelo educacional, Freire (2002) denominou como educação bancária, em que o aluno é tido como um mero depósito de informações transmitidas pelo professor. Nesse modelo descrito e criticado por Freire, nas aulas de História, os alunos tornam-se depósitos de nomes, eventos e datas; informações que não se tornam significativas para os mesmos, uma vez que eles não conseguem fazer conexão entre esses fatos históricos e suas vivências e a sociedade contemporânea.

Já nas reuniões de orientação de equipes olímpicas, os estudantes saem da condição de meros espectadores e ouvintes e assumem o centro do processo de aprendizagem. O professor não perde sua importância, no entanto o foco de seu trabalho deixa de ser o ensinar por ensinar, e passa a ser a aprendizagem dos estudantes. Pois é possível que haja ensino, mas não haja aprendizagem (MAGALHÃES, 2020). A aprendizagem que desejamos promover é a que tem os estudantes como sujeitos ativos de sua própria aprendizagem, dessa forma, o professor deixa de ser um mero transmissor de informações e passa a ser um co-construtor do conhecimento juntamente com seus alunos. Cremos que tal metodologia desperta a curiosidade dos estudantes e sua postura investigativa: o aluno deixa de apenas observar e escutar e passa a *fazer*, passa a *aprender fazendo*. O estudante é aproximado do ofício de

historiador, através da análise crítica das fontes.

Pode-se observar que os alunos se tornaram mais curiosos, interessados e envolvidos nos assuntos históricos, uma vez que puderam atribuir significância ao conhecimento histórico. Além disso, pode-se observar o desenvolvimento de sua criticidade, através de seus questionamentos, e do pensamento histórico, que os possibilita compreender os processos históricos. Por fim, consideramos o desempenho dos participantes olímpicos como satisfatório, chegando longe nas fases de ambas as olimpíadas, tivemos equipes finalistas tanto na ONHB quanto a OCHE. Considerar o empenho e o desempenho dos estudantes em olimpíadas como essas pode constituir-se como uma forma alternativa de avaliá-los, não limitando a avaliação dos estudantes à tradicional prova escrita.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados obtidos no presente estudo, acreditamos que olimpíadas do conhecimento em Ciências Humanas, como a ONHB e a OCHE, são importantes ferramentas no enfrentamento dos desafios contemporâneos no Ensino de História. Pode-se perceber a importância dessas olimpíadas no desenvolvimento de uma postura ativa nos estudantes, que se tornam capazes de desenvolver habilidades como a criticidade e uma postura analítica e investigativa. Tais habilidades/competências são fundamentais no combate aos negacionismos históricos e às *fake news*, que alcançaram ainda maior evidência ao longo da última década, com a expansão das redes sociais. Além disso, as reuniões de orientação de equipes olímpicas podem se tornar ricas oportunidades para que o professor de História possa mitigar os efeitos danosos acarretados pela carga horária insuficiente destinada à disciplina. As reuniões de orientação se tornam uma espécie de "prorrogação" em que, fazendo o professor um adequado aproveitamento do tempo, possam ser discutidos temas relevantes e contemporâneos abordados nas questões olímpicas, de modo que o conhecimento histórico possa se tornar significativo e instrumental para os estudantes no enfrentamento de problemas sociais hodiernos, como o racismo, a LGBTQIAPN+fobia, o machismo e as desigualdades sociais causadas pela brutal concentração de renda no Brasil.

Portanto, afirmamos que olimpíadas como a ONHB e a OCHE são eficazes ferramentas que os docentes podem

e devem se apropriar com o objetivo de enfrentar os atuais desafios pedagógicos e os novos que surgirão. Há ainda muitos estudos e trabalhos que devem vir à luz no que tange as contribuições que o método olímpico pode proporcionar ao Ensino de História.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marisnanda Mota. **"Tenho muito para contar, dizer que aprendi"**: o ensino de história através da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e da Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE): práticas docentes e aprendizagem histórica (2018 a 2022). 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – ProfHistória da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CABERO, J. **Innovación en la formación y desarrollo profesional docente**. En Jesús Salinas (Coord.), *Innovación educativa y uso de las TIC* (pp. 83-99). Universidad Internacional de Andalucía, 2008.

CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019.

ECO, Umberto. **Pape Satàn Allepe**: crônicas de uma sociedade líquida. Rio de Janeiro: Record, 2017.

FONTENELE, Zilfran Varela; DA COSTA JÚNIOR, José Gerardo Bastos. Análise das propostas pedagógicas da OCHE para o ensino de ciências humanas no estado do Ceará. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, v. 11, n. 32, p. 13-33, 2020.

FONTENELE, Zilfran Varela; CUNHA, Márcio Monteiro; SAMPAIO, Dawison Ponciano. **História**: vivências e experiências. Fortaleza: DIN.CE, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). **Por que gritamos golpe?**: para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.

MAGALHÃES, André Vinícius Bezerra. **Hoje não vai ter aula**: educação histórica e aprendizagem colaborativa a partir da experiência com a ONHB. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – ProfHistória da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MARTINS, Cibelle Amorim. **Práticas Educativas Digitais**: uma cultura participativa em formação. 2015. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Novos combates pela história**: desafios ensino. São Paulo: Contexto, 2021.